



BACHARELADO EM ENFERMAGEM

**FRANCISCO VALDISNEI BRITO DA ROCHA
IVANIREZ COUTINHO DE OLIVEIRA
LISSYAH BIANKA DA SILVA QUEIROZ
RAFAELLE VIRINO DE LIMA
SCARLETH LARISSA SOBREIRA FERNANDES**

**DESAFIOS DE ENFERMAGEM NA ATUAÇÃO DA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE
AUTISTA**

FORTALEZA

2023

**FRANCISCO VALDISNEI BRITO DA ROCHA
IVANIREZ COUTINHO DE OLIVEIRA
LISSYAH BIANKA DA SILVA QUEIROZ
RAFAELLE VIRINO DE LIMA
SCARLETH LARISSA SOBREIRA FERNANDES**

**DESAFIOS DE ENFERMAGEM NA ATUAÇÃO DA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE
AUTISTA**

Artigo de pesquisa apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Ateneu, como requisito para a obtenção do título de graduação em Enfermagem.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Ramalho Torres Maia.

FORTALEZA

2023

DESAFIOS DE ENFERMAGEM NA ATUAÇÃO DA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE AUTISTA

(*NURSING CHALLENGES IN PROVIDING CARE TO AUTISTIC PATIENTS*)

Francisco Valdisnei Brito da Rocha¹

Ivanires Coutinho de Oliveira²

Lissyah Bianka da Silva Queiroz³

Rafaelle Virino de Lima⁴

Scarleth Larissa Sobreira Fernandes⁵

Orientador: Prof. Dr. Samuel Ramalho Torres Maia⁶

RESUMO

O transtorno do espectro autista é uma síndrome que afeta aspectos de comunicação e socialização do indivíduo. Os indicadores do autismo podem ser identificados desde a primeira infância, pelos sinais no desenvolvimento fora dos parâmetros. O profissional de saúde responsável por acompanhar o crescimento e desenvolvimento da criança tem a oportunidade de identificar e facilitar o diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista, além de promover ações que possam proporcionar ao paciente autista autonomia e autocuidado. O estudo tem como objetivo identificar os desafios enfrentados pela equipe de Enfermagem na assistência ao paciente autista. Trata-se de um estudo de revisão integrativa realizado no período de janeiro a dezembro de dois mil e vinte três, através de estudos selecionados no banco de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), em que após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados seis artigos encontrados nas plataformas LILACS e BDNF. Os estudos incluídos na análise, foram sistematizados em um quadro contendo as principais informações dos artigos, como: autores, ano, título, objetivos e principais conclusões. Os artigos selecionados apontam falta de abordagens e práticas específicas e necessidade de capacitação profissional. Teorias de enfermagem como de Orem e práticas adaptadas como *Social Stories*, demonstraram-se eficaz para o desenvolvimento do autocuidado e autonomia de crianças com TEA. As conclusões destacam a importância de práticas, abordagens específicas, formação, capacitação profissional adequada para a prestação de assistência às crianças com TEA e suas famílias. A pesquisa destaca a complexidade da assistência ao paciente autista, ressaltando a importância da atualização e sensibilização da equipe de enfermagem. Conclui-se então que a falta de conhecimento pode comprometer a qualidade do cuidado, enfatizando a necessidade de abordagens individualizadas. A formação do profissional de enfermagem e a criação de ambientes adaptados é crucial para uma assistência humanizada e acessível, enquanto a conscientização sobre inclusão e respeito à diversidade é fundamental para construir um ambiente assistencial mais inclusivo.

Descritores: Autismo. Assistência. Enfermagem.

ABSTRACT

Autism spectrum disorder is a syndrome that affects aspects of an individual's communication and socialization. The indicators of autism can be identified from early childhood, by signs in development outside the parameters. The health professional responsible for monitoring the child's growth and development has the opportunity to identify and facilitate the early diagnosis of autism spectrum disorder, in addition to promoting actions that can provide autistic patients with autonomy and self-care. The study aims to identify the challenges faced by the Nursing team in assisting autistic patients. This is an integrative review study carried out from January to December 2023, through studies selected from the Virtual Health Library (VHL) database, in which after applying the inclusion and exclusion criteria, six articles found on the LILACS and BDNF platforms were selected. The studies included in the analysis were systematized in a table containing the main information of the articles, such as: authors, year, title, objectives and main conclusions. The selected articles point to a lack of specific approaches and practices and the need for training. Nursing theories such as Orem's and adapted practices such as Social Stories have proven to be effective in developing self-care and autonomy in children with ASD. The conclusions highlight the importance of specific practices and approaches and appropriate professional training and training to provide assistance to children with ASD and their families. The research highlights the complexity of care for autistic patients, highlighting the importance of updating and raising awareness among the nursing team. It is therefore concluded that a lack of knowledge can compromise the quality of care, emphasizing the need for individualized approaches. The training of nursing professionals and the creation of adapted environments is crucial for humanized and accessible care, while awareness of inclusion and respect for diversity is fundamental to building a more inclusive care environment.

Keywords: Autism. Care. Nursing.

¹ Identificação do aluno Francisco Valdisnei Brito da Rocha E-mail: valdisneybrito@gmail.com. Acadêmico de graduação em Enfermagem do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: uniateneu@edu.br.

² Identificação da aluna Ivanires Coutinho de Oliveira E-mail: ivaniresc@gmail.com. Acadêmica de graduação em Enfermagem do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: uniateneu@edu.br.

³ Identificação da aluna Lissyah Bianka da Silva Queiroz. E-mail: queirozlissyah@gmail.com. Acadêmica de graduação em Enfermagem do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: uniateneu@edu.br.

⁴ Identificação da da aluna Rafaelle Virino de Lima E-mail: virinorafaelle@gmail.com. Acadêmica de graduação em Enfermagem do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: uniateneu@edu.br

⁵ Identificação da aluna Scarleth Larissa Sobreira Fernandes E-mail: scarlethlarissa18@gmail.com. Acadêmica de graduação em Enfermagem do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: uniateneu@edu.br

⁶ Identificação do Orientador Samuel Ramalho Torres Maia E-mail: samuel.maia@professor.uniateneu.edu.br Doutor em Enfermagem Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa E-mail: uniateneu@edu.br

1 INTRODUÇÃO

O psiquiatra Leo Kanner foi o primeiro a discutir e estudar sobre o autismo, ele analisou 11 crianças com os mesmos sinais de inabilidades socioemocionais, segundo ele, causados por questões afetivas pela família e identificou o distúrbio chamado autismo. De acordo com Kanner (1943 apud GONZALES, 2020), o autismo é um transtorno de desenvolvimento caracterizado por dificuldades para estabelecer contato afetivo e interpessoal, obsessividade e ecolalia.

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, com amplo espectro de manifestações clínicas, caracterizado pela presença de distúrbios do comportamento, desde o início da vida. (LAZZARI; ELIAS, 2022).

Lazzari e Elias (2022), afirmam que ao longo do tempo, o tema foi abordado por outros especialistas que expuseram com estudos que o autismo é considerado um transtorno de desenvolvimento causado por uma anormalidade bioquímica e neurofisiológica do cérebro e não uma doença ou transtorno afetivo conforme estabelecido anteriormente.

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (2017), a nível mundial, uma a cada 160 crianças nascem com TEA. O autismo é uma síndrome que afeta vários aspectos da comunicação, além de influenciar também no comportamento do indivíduo. Segundo dados do *Center of Diseases Control and Prevention (CDC)*, órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, existe hoje um caso de autismo a cada 110 pessoas e dessa forma, proporcionalmente estima-se que o Brasil, com seus 200 milhões de habitantes, possua cerca de 2 milhões de autistas (BRASIL, 2017).

No contexto do paciente autista, a atuação da enfermagem se dá sob diversos cenários, seja no acompanhamento na atenção primária, no atendimento intra-hospitalar, junto à assistência multidisciplinar ou em atendimento individual especializado em consultório. A equipe de enfermagem é quem se encontra na rotina de saúde em contato direto com o paciente, portanto, tem papel fundamental na detecção precoce do paciente com TEA (FALCÃO *et al.*, 2022).

A atuação do enfermeiro na assistência ao paciente portador de TEA perpassa pelo acolhimento, avaliação inicial na atenção primária, acompanhamento durante o tratamento, como educador e mediador junto à família, auxiliando-a nas

suas dúvidas e anseios com intenção de melhorar o cuidado e assistência à criança portadora de autismo, buscando melhorar sua qualidade de vida (SILVA JÚNIOR, 2021).

O enfermeiro pode promover ações que possam proporcionar ao paciente autista autonomia e autocuidado. Essas ações devem ser realizadas em conjunto do paciente com a família ou cuidadores e podem incluir sobre o conhecimento do próprio corpo, quais cuidados que se deve ter, como por exemplo: higiene corporal e bucal e como limpar-se após eliminações fisiológicas (EVANGELISTA, 2021).

Ainda segundo Evangelista (2021), na prestação do atendimento à assistência ao paciente autista, é de suma importância conversar com a criança, chamá-la pelo nome e informá-la quais procedimentos serão realizados. Portar-se à criança e sua família de modo acolhedor e manter uma abordagem humanizada é imprescindível.

Contudo, existem diversos desafios no atendimento ao autismo, o principal é a capacitação. O enfermeiro não recebe orientação em seu processo de formação para prestar assistência devida em qualquer circunstância ao paciente, no caso dele possuir o transtorno, seja no processo saúde doença ou no diagnóstico precoce. A equipe de assistência enfrenta desafios por falta de qualificação para o atendimento nas situações citadas. (LAZZARI; ELIAS, 2022).

Segundo Gomes *et al.* (2022), os pais sempre esperam que seus filhos nasçam perfeitamente saudáveis e com suas funções cognitivas dentro dos padrões esperados. Eles sonham com um futuro que eles já idealizaram para a criança. Porém, no autismo, ao decorrer dos primeiros meses a criança começa a demonstrar alguns sinais como: não manter contato visual, não interagir socialmente e movimentos repetitivos, e essas alterações começam a serem notadas pelos pais.

Com isso, surge a busca pela orientação de um profissional por parte dos pais de crianças autistas, que passam por muitas dificuldades durante o processo de diagnóstico, principalmente por existirem poucos profissionais qualificados para atender a esse público. Quando a criança é diagnosticada com o transtorno do espectro autista, a família sofre um grande impacto por saber que aquele diagnóstico irá mudar as suas vidas, mas tem essa descoberta como um marco, levando em conta que, com um laudo pode-se buscar acompanhamento especializado. Por isso o diagnóstico precoce é importante para que a família e o autista recebam devidas orientações para seu desenvolvimento.

Ao observar a importância do diagnóstico para a família, é visível também a necessidade de abordar o tema no contexto da assistência para capacitar a equipe no atendimento de qualidade ao autista e aumentar o número de diagnóstico precoce. O tema foi escolhido baseado na experiência de uma participante que possui um parente próximo com diagnóstico de autismo. Com isso, pode-se identificar a fragilidade da atuação da enfermagem neste contexto.

Em vista disso, surge a seguinte questão: quais os desafios da enfermagem no atendimento ao autista?

É muito importante que o profissional atue como educador, respondendo aos anseios e dúvidas da família. O enfermeiro deve oferecer uma consulta de qualidade, bem como, proporcionar ferramentas para que a família e o portador de TEA tenham mais confiança, autonomia e qualidade de vida. Este trabalho se torna relevante por trazer à tona a problemática em torno da assistência de qualidade ao paciente autista e os desafios da equipe de enfermagem na assistência ao autista e no diagnóstico precoce. As dificuldades são consequências da falta de qualificação na graduação de enfermagem.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Características do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Segundo a Sociedade Americana de Psiquiatria (APA, em inglês) (2014, p. 31):

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Ainda segundo à Sociedade Americana de Psiquiatria (2014), deve-se observar a idade e o padrão de início do espectro. As características comportamentais do transtorno do espectro autista aparecem na primeira infância, em alguns casos demonstrando desinteresse em interações sociais já no primeiro ano de vida. Alguns sintomas podem ser reconhecidos no segundo ano de vida (entre 12 e 24 meses). No entanto, algum atraso de desenvolvimento mais grave pode ser identificado antes dos 12 meses ou, caso sejam sintomas mais discretos, após os 24 meses.

Há relatos de pais ou cuidadores sobre uma diminuição gradual, porém rápida e significativa em comportamentos sociais ou habilidades linguísticas, representando uma regressão do desenvolvimento após dois anos de desenvolvimento normal. Esse é um aspecto importante como sinal de alerta no diagnóstico autista, pois tais perdas são raras em outros transtornos. Não tão comum, porém importante de investigar de forma mais ampla, são perdas de habilidades no autocuidado, controle dos esfíncteres e habilidades motoras (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Para Cunha (2017), há alguns sintomas, que, se identificados precocemente, podem ajudar no reconhecimento do TEA, como: retrair ou isolar-se de outras pessoas, evitar contato visual, resistir ao contato físico, ausência de medo diante de perigos reais, não atender ao ser chamado, não aceitar mudança de rotinas, usar as pessoas para pegar objetos, agitação desordenada ou calma excessiva, sensibilidade a barulhos, apego e manuseio não apropriado de objetos, movimentos

circulares com o corpo, ecolalias, compulsão e ausência de interesse em brincadeiras.

2.2 A importância da formação do profissional de enfermagem para identificação precoce do autismo

Segundo Soeltl, Fernandes e Camilo (2020) é de suma importância por parte do profissional de Enfermagem o reconhecimento dos sinais precoces para a investigação do diagnóstico de autismo. Ainda segundo Soeltl, Fernandes e Camilo (2020), esses profissionais muitas vezes possuem algum conhecimento sobre TEA, no entanto, algumas informações podem ser incompletas e contraditórias, o que pode acarretar em complicações à saúde da criança que tem TEA. Soeltl, Fernandes e Camilo (2020), ainda afirmam que é especialmente importante que o enfermeiro da atenção básica seja um profissional preparado e atento aos sinais, pois este realiza o acompanhamento da criança no seu crescimento e desenvolvimento, desempenhando assim, um papel fundamental para a identificação precoce de uma criança no espectro autista.

Para Moreira e Martiningo (2022), um aspecto importante é a dificuldade de profissionais da saúde não especializados ao lidar com comportamentos inadequados que podem surgir no contexto hospitalar. Essa pode ser uma limitação ao atender pacientes com TEA, podendo dificultar ações de planejamento e intervenções em situações desafiadoras no atendimento do paciente com autismo. Além do desafio quanto ao estresse de profissionais e pessoas novas entrando na rotina da criança portadora de TEA, aumentando sua ansiedade.

Embora a ampliação do conhecimento seja de responsabilidade dos profissionais, as instituições de ensino devem fornecer o embasamento teórico para esses conhecimentos, pois há carência de conhecimentos básicos sobre o TEA entre os egressos da área da saúde.

2.3 Estratégias no atendimento ao paciente autista

De acordo com Cleide Oliveira, enfermeira à frente do primeiro consultório de enfermagem brasileiro dedicado ao atendimento de pessoas com o TEA e suas famílias, além de contribuir para o diagnóstico precoce com aplicação de instrumentos reconhecidos, os enfermeiros dedicados à saúde mental podem estabelecer cuidados para melhorar o cotidiano e a convivência em todos os ambientes pelos quais circula o paciente (COFEN, 2021).

Ainda segundo COFEN (2021), na sua prática em consultório, Cleide Oliveira, antes de realizar um procedimento, explica de forma lúdica aos pacientes autistas as intervenções de Enfermagem que serão realizadas através de quadrinhos, conforme demonstrado na Figura 01.

Figura 01 – Quadrinhos para preparar crianças com TEA para realizar procedimentos realizados no consultório



Fonte: COFEN (2021).

A Lei nº 13.146/2015 ou Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) define Tecnologia assistiva como:

Tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015).

Para Nascimento, Chagas e Chagas (2021), as tecnologias assistivas usadas por pessoas com autismo, geralmente, são as que se classificam como Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), pois as dificuldades de comunicação são sinais clássicos do TEA devido ao desenvolvimento deficiente da fala.

Ainda segundo Nascimento, Chagas e Chagas (2021), o método *Picture Exchange Communication System* (PECS) e as Pranchas de Comunicação Alternativa (PCA), que podem ser de baixa tecnologia (quando utilizados desenhos e recursos em papel impresso) ou alta tecnologia (quando utilizados recursos gráficos computacionais), em que se utilizam figuras para indicar o que se deseja, podem ser utilizadas como ferramentas de comunicação com indivíduos portadores de TEA em que há dificuldade de comunicação.

Segundo Moreira e Martiningo (2022), no atendimento ao paciente de TEA em ambiente hospitalar, recomenda-se a utilização de uma linguagem calma e assertiva. O uso de ferramentas visuais como forma de comunicar-se com o paciente, pode ser eficaz. É necessária a disponibilidade de uma sala em que seja possível realizar um atendimento silencioso e que haja apenas equipamentos necessários para o atendimento a fim de minimizar os estímulos ambientais.

Ainda segundo Moreira e Martiningo (2022), as crianças com TEA têm dificuldade com a mudança de rotina. Os profissionais podem se utilizar de comportamentos ritualísticos, como por exemplo, uma saudação específica ou a conclusão de uma tarefa. Os profissionais não devem interferir em comportamentos autoestimulatórios (como bater palmas, balançar as mãos, sons repetitivos), pois são importantes para amenizar ansiedade do paciente. Durante as intervenções realizadas, é importante que haja a presença do cuidador ou familiar, a fim de diminuir a ansiedade do paciente. Explicar ao paciente passo a passo do que irá ser realizado ou alguma mudança na rotina, através de história e cenários roteirizados

ou imagens, pode ser útil para amenizar a ansiedade da criança (MOREIRA; MARTININGO, 2022).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Estudo

O estudo desenvolvido se caracteriza como uma revisão integrativa com abordagem qualitativa. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103), a revisão integrativa determina o conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto, contribuindo, pois, para uma possível repercussão benéfica na qualidade dos cuidados prestados ao paciente. Sendo assim, é importante estabelecer discussões sobre temas pouco abordados cientificamente, levando em conta a seguinte pergunta norteadora: Quais os desafios da enfermagem no atendimento ao autista?

Foi utilizado como ferramenta para construção desse trabalho o método de revisão integrativa em seis etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados, categorização dos estudos selecionados, análise e interpretação dos resultados e apresentação da síntese do conhecimento feita na discussão.

3.2 Coleta de dados

Para seleção dos artigos, foram realizados cruzamentos dos seguintes descritores: “Autismo” e “Assistência de Enfermagem”, utilizando também o operador booleano *AND*. Os seis artigos encontram-se na base de dados Literatura Latino-Americana Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), desses, três também estão na Base de Dados de Enfermagem (BDENF).

No desenvolvimento deste trabalho de revisão integrativa, o processo transcorreu de maneira sequencial, seguindo etapas que envolvem a identificação do tema e seleção da questão de pesquisa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão junto à identificação dos estudos selecionados. (Souza, Silva, Carvalho, 2010).

Como critérios de inclusão, foram escolhidos artigos disponíveis na íntegra de forma gratuita cujo idioma fosse português e tivessem sido publicados no período de

2013 a 2023. Como critérios de exclusão foram eliminados artigos que não têm relação com a temática, artigos de estudo de revisão, carta editorial e artigos de opinião.

Foram selecionados com a busca dos descritores utilizando os critérios de inclusão e exclusão. O estudo foi categorizado de acordo com a seleção feita, estabelecendo as seguintes variáveis: autores, base de dados, ano de publicação, título do artigo, objetivos, tipo de estudo e conclusão.

Ao estabelecer e dispor em um quadro, o trabalho seguiu para a etapa de análise e interpretação dos resultados e interpretação dos resultados, a última etapa executada foi a apresentação da síntese do conhecimento feita na discussão. A metodologia utilizada de revisão integrativa foi feita em seis etapas, sendo exposta e detalhada ao longo do tipo de estudo.

3.3 Análise de dados

Na análise, as informações foram extraídas dos estudos em categorias sistemáticas. A princípio, as informações foram relacionadas item por item para comparação dos temas abordados nos estudos selecionados.

4 RESULTADOS

Foram identificados, inicialmente, 305 artigos em diferentes bases de dados. Desses, 296 foram descartados por não atenderem aos critérios de inclusão. Após a análise dos 9 restantes, 1 foi excluído por falta de relação com a temática e 2 por serem estudos de revisão. Ao final, 6 artigos foram integrados à pesquisa. Todos presentes na plataforma LILACS, desses, 3 também estavam disponíveis na plataforma BDEF. Quanto à distribuição temporal, 1 artigo foi publicado em 2015, 1 em 2016, 1 em 2018, 1 em 2020 e 2 em 2022. Os objetivos e principais conclusões dos artigos incluídos nesse estudo, estão sintetizados no Quadro 1.

Quadro 1- Artigos selecionados (continua)

Autores Base de dados Ano	Título	Objetivos	Tipo de estudo	Conclusão	Nível de evidência
DE SENA, R.C.F. <i>et al.</i> LILACS/BDEF 2015	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico.	Exploratório com abordagem qualitativa.	Déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e inexistência de intervenções práticas realizadas com pessoas autistas e seus familiares, além da não oferta de capacitações que abordem o assunto.	4
RODRIGUES, P.M.S. <i>et al.</i> LILACS/BDEF 2016	Autocuidado da criança com espectro autista por meio das <i>Social Stories</i> .	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a <i>Social Stories</i> como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com TEA.	Qualitativo e descritivo.	A associação da teoria de Orem com a <i>Social Stories</i> apresentou-se como uma estratégia efetiva no estímulo ao autocuidado pela criança.	4

Quadro 1- Artigos selecionados (conclusão)

Autores Base de dados Ano	Título	Objetivos	Tipo de estudo	Conclusão	Nível de evidência
SOUSA, B.S.A. <i>et al.</i> LILACS 2018	A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	Descrever uma reflexão acadêmica acerca da enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	Relato de experiência e descritivo.	Melhorias no desenvolvimento social, leitura e redução da irritabilidade. Necessidade de capacitação dos profissionais envolvidos.	5
SOELTL, S.B.; FERNANDES, I. C.; CAMILLO, S. O. LILACS 2020	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional.	Descritivo com abordagem qualitativa	Enfermeiros não estão preparados para atuar na assistência às crianças com TEA devido à falta de abordagem adequada durante a formação, gerando insegurança na prestação de cuidados.	4
MAGALHÃES, J.M. <i>et al.</i> LILACS/BDENF 2022	Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado.	Descrever os diagnósticos e as intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista fundamentados em taxonomias de enfermagem e na teoria do autocuidado.	Exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa.	A capacidade para o autocuidado esteve comprometida, requerendo estratégias de enfermagem efetivas voltadas para a criança e para os familiares.	4
DE ARAÚJO SANDRI, J.V.; PEREIRA, I.A.; CORRÊA, T.G.L.P. LILACS 2022	Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento.	Analisar a atuação dos enfermeiros à pessoas com TEA e família, nas Unidades de Pronto Atendimento.	Descritivo com abordagem qualitativa	Necessidade de maior abordagem do TEA durante a formação de enfermeiros, mais investimentos em capacitações e atualizações profissionais.	4

Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2023).

De Sena *et al* (2015) e Sandri, Pereira e Corrêa (2022) apontam falta de abordagens, práticas específicas e necessidade de capacitação. Teorias de enfermagem como de Orem e práticas adaptadas como *Social Stories*, demonstraram-se eficaz para o desenvolvimento do autocuidado e autonomia de crianças com TEA. (Rodrigues *et al.*, 2016). No entanto, foram identificados faltos de preparo dos profissionais em diversos cenários, desde atenção básica até o pronto atendimento. As conclusões destacam a importância de práticas e abordagens específicas, formação e capacitação profissional adequadas para a prestação de assistência às crianças com TEA e suas famílias (SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022).

Os níveis de evidência foram classificados conforme descritos por Galvão (2006), que compreendem: nível 1, metanálise de múltiplos estudos controlados; nível 2, estudo individual com delineamento experimental; nível 3, estudo com delineamento quase-experimental como estudo sem randomização com grupo único pré e pós-teste, séries temporais ou caso-controle; nível 4, estudo com delineamento não-experimental como pesquisa descritiva correlacional e qualitativa, ou estudos de caso; nível 5, relatório de casos ou dado obtido de forma sistemática, de qualidade verificável ou dados de avaliação de programas; nível 6, opinião de autoridades respeitáveis baseada na competência clínica ou opinião de comitês de especialistas, incluindo interpretações de informações não baseadas em pesquisas. (GALVÃO, 2006).

5 DISCUSSÃO

O cuidado da enfermagem para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma tarefa complexa que requer uma abordagem cuidadosa e individualizada. Neste contexto, as taxonomias de enfermagem e a teoria do autocuidado de Dorothea Orem desempenham um papel fundamental na estruturação do diagnóstico e das intervenções. (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

Segundo Magalhães *et al.* (2022), muitas crianças com TEA têm dificuldades significativas na comunicação. Os enfermeiros podem usar a taxonomia da *North American Nursing Diagnosis Association International* (NANDA-I) para melhor intervenção e depois, criar um plano de cuidados para melhorar as habilidades de comunicação da criança.

Sabe-se que comportamentos repetitivos e restritos é uma característica comum do TEA. A taxonomia da NANDA-I pode ser usada para melhor avaliação. As intervenções apropriadas podem ser desenvolvidas para ajudar a criança a lidar com esses comportamentos (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

Magalhães *et al.* (2022) afirmam que, com base na teoria do autocuidado de Dorothea Orem, as enfermeiras podem ajudar a criança com TEA a desenvolver habilidades de comunicação, incluindo a utilização de sistemas de comunicação alternativos, como a comunicação por imagem.

A teoria do autocuidado não se limita apenas à criança, mas também se estende à família, visto que as enfermeiras podem fornecer apoio à família, educando-os sobre o TEA, oferecendo estratégias de autocuidado para reduzir o estresse e encorajando a participação ativa no cuidado da criança. (MAGALHÃES *et al.*, 2022).

Na pesquisa conduzida por Rodrigues *et al.* (2020), aliando a teoria do autocuidado de Dorothea Orem e *Social Stories*, adaptados para uma criança com TEA, resultou em uma nova abordagem de cuidado de enfermagem que provocou transformações na vida da criança, alterações na perspectiva dos pais e novos aprendizados sobre as particularidades do desenvolvimento e crescimento infantil.

Para Rodrigues *et al.* (2016), crianças diagnosticadas com TEA enfrentam desafios em diversas áreas, como habilidades complexas, interação social, linguagem, leitura, escrita e estabelecimento de independência por meio do autocuidado, devido à limitação de autonomia em algumas situações.

Ainda segundo Rodrigues *et al.* (2016), o enfermeiro deve levar em consideração a complexidade do TEA, as variadas causas possíveis e as terapêuticas ainda em fase de desenvolvimento e com respostas limitadas.

O profissional deve estar preparado para intervir junto à criança e sua família, envolver-se em práticas de cuidado inovadoras e adotar uma abordagem teórica de enfermagem que permita a criança com TEA praticar o autocuidado conforme seu potencial e limitações, visando alcançar autonomia em sua vida diária. (RODRIGUES *et al.*, 2016).

Segundo os autores Sousa *et al.* (2018), existem desafios enfrentados pela criança autista ao se adaptar e acompanhar o todo, e que isso impacta diretamente o autocuidado da criança diagnosticada, como também é desafiador para o profissional de saúde promover a educação em saúde com a criança que possui diagnóstico.

O estudo realizado por Sousa *et al.* (2018), foi feito por um grupo de profissionais da saúde, por meio de um relato de experiência a partir do estágio de uma enfermeira em formação no ambiente escolar da criança com TEA.

Ao longo do acompanhamento foram identificadas dificuldades, como literatura disponível sobre os assuntos: enfermagem, autismo e assistência, assim como ferramentas disponíveis facilitadoras para a criança diagnosticada compreender e acompanhar as atividades propostas, além do desafio da profissional para adentrar no mundo infantil. (SOUSA *et al.*, 2018).

O estudo expõe como estratégia para lidar com as barreiras expostas contactar a criança de maneira gradual, respeitando o tempo de adaptação e sua forma de reagir até estabelecer uma afinidade que respeite as necessidades da criança visando promover o autocuidado em saúde. (SOUSA *et al.*, 2018).

De acordo com De Sena *et al.* (2015), a enfermagem está responsável por acompanhar o desenvolvimento biopsicossocial da criança através da equipe de saúde da família, sendo assim a equipe tem a oportunidade dentro da saúde pública de identificar sinais do transtorno de espectro autista em consultas de rotina desde que esteja cientificamente preparado para isso.

Ainda segundo De Sena *et al.* (2015), o profissional pode colaborar de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do TEA, é possível também que ele auxilie os progenitores com apoio e informação caracterizando uma ação de educação em saúde dentro do atendimento da equipe de saúde da família na

realidade local. Os autores trazem também a questão da escassez em literatura acerca desse tema na área da saúde, bem como a complexidade do tema discutido, por ser revestido de tabus e estigmatização.

Com a abordagem do estudo, fica claro o quanto a formação acadêmica da enfermagem é desprovida de informação e preparação sobre a assistência ao paciente que possui TEA, embora a área da saúde necessite estar baseada nos princípios do atendimento integral, universal e com equidade. Ao longo do artigo, os profissionais vão expondo em suas respostas e depoimentos a fragilidade da ciência dentro do âmbito da enfermagem quanto ao paciente autista, a carência de informações sobre a temática na graduação resulta em profissionais qualificados em assistência geral. (DE SENA *et al.*, 2015).

Para Soeltl, Fernandes e Camilo (2020), a equipe de enfermagem desempenha um papel crucial no primeiro contato com a criança/paciente nos serviços de saúde, sendo possível identificar sinais comportamentais específicos durante a anamnese. Os autores supracitados enfatizam ainda a importância de indicadores comportamentais, como movimentos estereotipados e rotinas rígidas para o diagnóstico do TEA.

Ainda segundo Soeltl, Fernandes e Camilo (2020), é de suma importância que a equipe de enfermagem esteja profundamente envolvida no processo de diagnóstico e intervenções para crianças com TEA, dada sua posição crucial na linha de frente do cuidado e como porta de entrada nos serviços de saúde. Além disso, destacam a carência de conhecimento entre os profissionais de enfermagem em relação ao TEA e às possibilidades de assistência a crianças com esses transtornos juntos às suas famílias.

Para Sandri, Pereira e Corrêa (2022), os enfermeiros desempenham um papel importante na triagem e no acolhimento desses pacientes nas Unidade de Pronto Atendimento (UPAs). Eles devem estar atentos à individualidade de cada pessoa com autismo, compreendendo suas necessidades específicas e adaptando a abordagem de acordo com cada situação. Sendo assim, isso pode incluir a redução de estímulos sensoriais, o fornecimento de um ambiente tranquilo e o uso de linguagem clara e simples.

Além disso, Sandri, Pereira e Corrêa (2022) explicam que a comunicação com as famílias desempenha um papel importante. Os enfermeiros devem ser capazes de orientar e informar os familiares sobre o que está acontecendo durante o

atendimento, envolvê-los no processo de cuidado e oferecer suporte emocional. Muitas famílias de pessoas com autismo enfrentam desafios significativos, e o apoio da equipe de enfermagem pode fazer toda a diferença.

A atuação dos enfermeiros nas UPAs em relação às pessoas com autismo e suas famílias é de grande importância. Eles desempenham um papel vital na garantia de um atendimento inclusivo, respeitoso e eficaz, contribuindo para o bem-estar desses pacientes e proporcionando apoio às suas famílias em momentos de crise. (SANDRI; PEREIRA; CORRÊA, 2022).

Em resumo, a abordagem de enfermagem para crianças com TEA baseia-se na identificação cuidadosa dos diagnósticos de enfermagem e na aplicação de intervenções específicas, utilizando as taxonomias de enfermagem, a teoria do autocuidado e práticas adaptadas na assistência desse paciente. O objetivo final é melhorar a qualidade de vida da criança e de sua família, promovendo seu desenvolvimento, autonomia e bem-estar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados, sobre Desafios da Enfermagem na Atuação da Assistência ao Paciente Autista, destacam-se a complexidade e a importância dessa prática profissional dos enfermeiros. É possível consolidar diversas reflexões que emergiram ao longo da pesquisa. Entretanto, a falta de conhecimento e prática sobre o espectro autista pode resultar em lacunas na assistência, comprometendo a qualidade do cuidado prestado, exigindo uma abordagem individualizada e adaptativa, refletindo a necessidade de constante atualização e sensibilização da equipe de enfermagem.

A existência de ambientes adaptados e acolhedores surgem como uma demanda fundamental. Esses espaços propiciam uma assistência mais humanizada e alinhada às necessidades específicas dos pacientes autistas. Além disso, a conscientização de toda a equipe de saúde sobre a importância da inclusão e do respeito à diversidade é crucial para a construção de um ambiente assistencial mais inclusivo.

Ao longo da elaboração do estudo foram identificadas algumas limitações como falta de literaturas suficientes disponíveis com os critérios de exclusão que abordassem a temática, a fragilidade da formação quanto à preparação do enfermeiro na graduação na área em questão. Outro desafio limitador foi alcançar um dos objetivos iniciais do trabalho, que era identificar na formação do enfermeiro o assunto do transtorno do espectro autista, isso traria a exposição do tema dentro da grade curricular da enfermagem.

Considerando a carência da abordagem dessa temática na literatura e na prática, esse trabalho serve também como uma contribuição para a enfermagem utilizar como fonte de informação as estratégias que foram expostas para prestar o cuidado ao paciente autista e sua família.

Desse modo, deixa-se como sugestão para futuras pesquisas utilizar, se possível, bases de dados em outros idiomas como o inglês. Sugere-se também que sejam desenvolvidos mais trabalhos que abordem o papel da enfermagem no acompanhamento ao paciente autista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maíra Lopes; NEVES, Anamaria Silva. A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia?. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 40, p. 2, 2020.

ALVIM, R. J. Perfil epidemiológico do transtorno do espectro autista na população pediátrica em um hospital terciário do estado do Rio de Janeiro. **Fundação Oswaldo Cruz Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira**. RIO DE JANEIRO, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5ª. Ed. Porto Alegre: ArtMed, 2014. p. 31-59.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 6 de julho 2015. Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência)**. Brasília, 2015.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão. Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017. p. 20-21.
Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas. Conselho Federal de Enfermagem, 2021. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/enfermagem-melhora-qualidade-de-vida-dos-pacientes-autistas_91927.html. Acesso em: 06 jun. 2023.

DE ARAÚJO SANDRI, J.V.; PEREIRA, I.A.; CORRÊA, T.G.L.P. **Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento**. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, v. 43, n. 2, p. 251-262, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5433/1679-0367.2022v43n2p251>.

DE SENA, R. C. F. *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de pesquisa cuidado é fundamental** online, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015. DOI: 10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2707-2716.

ESPINDOLA, A. A; SILVA, P. I. O. **Assistência de enfermagem a saúde mental**. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/ASSISTENCIA_DE_ENFERMAGEM_A_SAUDE_MENTAL_uma_revisao_da_literatura.pdf. Acesso em: 11/04/2023.

EVANGELISTA, J. J. S. **Autismo Infantil: Intervenções Realizadas pela Equipe de Enfermagem**. 2021.

FALCÃO, S. M. A. C. et al. O papel do enfermeiro na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista infantil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, p. e238111638013-e238111638013, 2022.

GALVÃO, C.M. Níveis de evidência. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 19, p. 5-5, 2006.

GOMES, J. D *et al.* Impacto do diagnóstico autismo infantil nas relações familiares. In: ALMEIDA, F.A (org.). **Psicologia social: por uma ciência comprometida com a transformação social**. 1. ed. [S. l.]: EDITORA CIENTÍFICA DIGITAL, 2022. v. 1, cap. 7, p. 43-53. ISBN 978-65-5360-190-1. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220709488.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GONZALES, E. Autismo infantil: avaliação e intervenção psicopedagógica. **Necessidades Educacionais Específicas**. PORTO ALEGRE, P. EDIÇÃO, 2007.

LAZZARINI, F. S; ELIAS. N. C. História social e autismo: uma revisão de literatura. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Corumbá, MS, v. 28, p. 349-364, 2022.

LI, Q. *et al.* Prevalence of autism spectrum disorder among children and adolescents in the United States from 2019 to 2020. **JAMA pediatrics**, v. 176, n. 9, p. 943-945, 2022.

MAGALHÃES, J. M. *et al.* Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 36, 2022. DOI: 10.18471/rbe.v36.44858.

MARTININGO, J. P.; MOREIRA, M. B. **Estratégias de atendimento a pessoas com o diagnóstico de TEA no ambiente hospitalar**. Instituto Walden4, 2022. p. 16-23.

NASCIMENTO, F. C.; CHAGAS, G.S.; CHAGAS, F.S. As tecnologias assistivas como forma de comunicação alternativa para pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 16, p. 4, 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Organização Mundial da Saúde**. Folha Informativa - Transtorno do espectro autista. abril de 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RODRIGUES, P. M. S. *et al.* **Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories**. Escola Anna Nery, v. 21, p. e20170022, 2017. DOI: 10.5935/1414-8145.20170022.

ROMEU, C. A; ROSSIT, R. A. S. Trabalho em equipe interprofissional, no atendimento à criança com transtorno do espectro do autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.** Corumbá, v. 28, p. 639-654, 2022.

SILVA JUNIOR, J. C.; MOTA, L. M. **O papel do enfermeiro na identificação precoce do transtorno do espectro autista na atenção primária**. Centro Universitário Tiradentes-UNIT/AL: Alagoas, 2021.

SOELTL, S. B.; FERNANDES, I. C.; CAMILLO, S. O. **O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria**

do cuidado humano. Abcs health sciences, v. 46, n. 021206, p. 1-7, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360>.

SOUSA, B. S. A. *et al.* **A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.** **Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2018v11n1p163-170>.

SOUZA, M.; SILVA, M,D; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.